



Secretaria de Estado da Educação

# CLIPPING

07 de outubro 2014



Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Notícias	Data: 07/10/2014
Assunto: Jovens e o celular		Página: 34

## DIÁRIO CATARINENSE

# Com o mundo na palma da mãozinha

**IBGE REVELA QUE** 58,7% das crianças e adolescentes entre 10 e 14 anos da Região Sul têm telefone móvel. Pais devem acompanhar o uso do aparelho

**L**uiza Macagnan, 12 anos, ganhou o primeiro telefone no sexto aniversário. Teve diferentes modelos e, hoje, faz *selfies* com um sonhado iPhone. Nascidos no mundo virtual, ela e os colegas estão no grupo dos 58,7% de crianças e adolescentes entre 10 e 14 anos na Região Sul que têm celular. O número, colhido em 2013 e divulgado em setembro na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), significa um aumento de quase 20 pontos percentuais em cinco anos – em 2008, 39,5% dessa faixa possuíam esse tipo de aparelho.

É a geração dos “nativos digitais”, que já nasceram no mundo virtual. A psicóloga Carolina Lisboa diz ainda serem recentes os estudos sobre o impacto desses equipamentos na cognição – função do cérebro responsável pe-

la apreensão de conteúdos – das crianças. O certo é que podem influenciar o comportamento dos usuários mirins, principalmente porque boa parte dispõe de acesso à internet.

– Os pais precisam ficar atentos ao tipo de sites em que eles navegam, quais as conversas, se estão se passando fotos e de que tipo são essas fotos – salienta Carolina.

### USO EXAGERADO PODE LEVAR A ANSIEDADE

Os aparelhos podem afetar a atenção, e o uso exagerado também pode provocar o aumento da ansiedade. Muitos pais dão o telefone para os filhos como uma forma de monitorar onde estão e com quem andam, mas é preciso que eles também ajudem a criança a desenvolver maturidade para lidar

com tamanha liberdade.

A professora de Psicologia da Educação Tânia Marques não se arrisca a estabelecer limites de horas no dia para uma utilização ideal para cada criança. Cada caso deve ser analisado:

– Se é uma atividade a mais que contribui para melhorar a vida, facilitando comunicação e acesso a informação, maravilha. O alerta é quando se deixa de ter outras atividades para aquela ser a única.

Além dos pais, as escolas devem arranjar formas criativas de lidar com o celular, de acordo com a pedagoga Léa Fagundes. Ela cita o uso do aplicativo Instagram em aulas mais práticas, para registrar vegetais e solos, por exemplo.

– As crianças devem ser orientadas, deve-se descobrir coisas que pode fazer e são úteis – defende Léa.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> R7	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 07/10/2014
<b>Assunto:</b> Tecnologia		<b>Página:</b> Online



### **Tecnologia pode transformar professor em designer digital, dizem especialistas**

*Educadores entrevistados pelo R7 no mês do professor destacam mudanças na profissão*

A tecnologia está mudando a forma como crianças e jovens querem aprender e obter informações e, claro, as metodologias de ensino usadas nas escolas.

Especialistas que tratam do tema disseram ao R7 que docentes tendem a mudar a forma como dão aula até se transformarem em designers educacionais, ou seja, profissionais que pensam como, porque e quando determinados conhecimentos devem ser transmitidos aos alunos pelos meios digitais.

É o que defende Ronaldo Mota, ex-secretário de educação superior e do MEC (Ministério da Educação) e atual reitor da Universidade Estácio.

No livro *Education for Innovation and Independent Learning* (Educação para a inovação e para o aprendizado independente, em tradução livre), desenvolvido no Instituto de Educação da Universidade de Londres, ele explica que os docentes terão que quebrar as barreiras do ensino tradicional para se adaptar às mudanças vividas pela sociedade.

— É preciso ensinar aos atuais alunos como aprender a aprender pelos meios disponíveis. As interfaces tecnológicas que ajudam os alunos nesse processo devem ser complementares ao professor na sala de aula. Os professores terão que quebrar as barreiras do ensino tradicional.

Desempenho de alunos melhora em até 70% com professor capacitado, mostra estudo

Conheça aplicativos e serviços que usam a interatividade dos jogos para estimular os estudos

Não há mágica

Bernadete Gatti, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, reconhece a tendência de os docentes se tornarem designers educacionais. Porém, ela faz considerações sobre esse processo.

— Não será a lousa digital que vai resolver as questões da aprendizagem. É preciso formação para que professores usem este e outras tecnologias, que são muito atrativas para os jovens.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Para a pesquisadora, ainda existe uma lacuna na formação dos docentes em relação a essas questões.

— Nós não temos reformulado a formação de professores, de maneira geral. Há mais de um século repetimos os mesmos esquemas de formação. Dentro disso, ainda não existem propostas de mudanças curriculares significativas que preveem a incorporação dessas tecnologias no contexto educacional.

Barrados e conectados

Segundo dados do estudo TIC Educação, sobre recursos educacionais abertos, que foi realizado em 2013 pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, 96% dos professores de educação básica no País utilizam esses conteúdos para elaborar aulas e ajudar nos estudos.

A pesquisa apontou também que 88% dos docentes fazem adaptações nos conteúdos abertos disponíveis. Porém, apenas 21% dos entrevistados disseram que publicam seus materiais na web. Especialistas e professores que lidam

— ou tentam lidar — com as tecnologias no cotidiano reconhecem que este cenário mostra a necessidade de formação para melhor utilizar e produzir conteúdos digitais. Também é preciso tratar das restrições a materiais publicados na internet que docentes não podem usar nas salas de aula.

Os resultados da pesquisa Recursos educacionais abertos no Brasil: o campo, os recursos e sua apropriação em sala de aula, realizada pela Ação Educativa em parceria com a Wikimedia Foundation, mostram que apenas 10% dos sites educacionais colaborativos voltados para a docência no Brasil têm direitos autorais livres. Foram levantados e analisados mais de 230 portais desse tipo no País.

Jamile Venturini, coordenadora da pesquisa realizada pela Ação Educativa, explica que os dados mostraram que a maioria dos 231 recursos analisados não é restrita, mas, na prática, o uso permitido é limitado e fica aquém das necessidades dos professores.

— De que serve um vídeo incrível sobre o tema da minha aula se eu posso vê-lo, mas não exibi-lo para meus alunos? Ou postá-lo no blog da minha disciplina? Ou colocar legendas para torná-lo mais acessível?

Segundo Jamile, ainda existem muitos desafios para o avanço do uso das tecnologias e dos Recursos Educacionais Abertos no ambiente escolar pelos docentes.

— Há uma questão de infraestrutura que, muitas vezes, inviabiliza a democratização do acesso a essas tecnologias na escola. E isso passa não só pelo acesso aos equipamentos, mas também a uma conexão à internet de qualidade.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> R7	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 07/10/2014
<b>Assunto:</b> Tecnologia	<b>Página:</b> Online	



### **Professores de escolas pública e privada relatam experiências opostas sobre o trabalho com ferramentas digitais**

A introdução da tecnologia nas salas de aula é apontada como uma tendência irreversível, mas professores de escolas públicas e privadas relatam situações opostas quando falam sobre esse tema.

Procurados pelo R7, docentes da rede municipal reclamam da falta de infraestrutura e treinamento, enquanto os da rede particular elencaram as vantagens trazidas pelas ferramentas tecnológicas.

Na cidade de São Paulo, as escolas municipais têm à disposição o Edmodo, um ambiente que propõe a colaboração virtual entre professores e alunos. Além disso, o EducaPX possibilita que estudantes e docentes façam publicações em sites.

Já o SGP (Sistema de Gestão Pedagógica) é uma plataforma online onde o professor registra as práticas em aula, os resultados das avaliações e o acompanhamento das presenças. O coordenador tem acesso ao conteúdo e faz as suas avaliações.

O aluno e sua família também têm podem entrar na plataforma online para fazer comentários e identificar o que é preciso melhorar quanto ao desempenho na escola.

Apesar destas iniciativas, professores da rede reclamam de falta de condições para utilizar os tablets disponibilizados, desde 2012.

A professora de história na rede municipal paulista, Cibele de Camargo Lima, conta que os aparelhos foram distribuídos sem que houvesse sido feito um planejamento e treinamento adequado para docentes.

Na sua escola, há cerca de 30 tablets para 80 professores utilizarem apenas durante o trabalho. Os aparelhos não podem ser levados para casa.

— O uso do tablete veio implantado de um jeito que exige que o professor preencha um diário de classe virtual durante a aula. Ou a gente preenche o boletim virtual, ou damos aula, não tem como fazer tudo em 45 minutos. O que está acontecendo é uma sobrecarga do nosso horário de trabalho.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Ela conta que as escolas recebem uma lista cobrando os professores que não preencheram o boletim virtual na sala de aula.

— Alguns professores estão com medo de represálias e acabam preenchendo os diários virtuais em casa, usando a sua própria internet aos finais de semana ou fora do horário de aula na sala de informática da escola.

### Esclarecimentos

Procurada pela reportagem, a Secretaria Municipal de Educação garante que “o registro de aulas (chamada) em meio digital, por se apresentar como uma inovação na SME, tendo em vista a implantação, possui período dilatado para seu preenchimento”.

— O SGP está em processo de apropriação pelas escolas. Desta forma, os registros típicos da atividade pedagógica do docente como planejamento das aulas, registro de frequência, atividades, avaliação e notas - antes realizados em meio impresso (diário de classe), a partir deste ano são substituídos pela realização em meio digital, online. O planejamento das aulas, que no contexto da Mais Educação São Paulo se realiza em grande parte por meio de atividade conjunta entre o professor e seus pares, está previsto para os horários de atividades coletivas.

A Secretaria garante ainda que há um sistema online em professores podem tirar dúvidas sobre como utilizar o sistema do tablet.

Plataforma digital permite que alunos com doenças graves tenham aula fora da escola

### Escolas particulares

No Colégio Porto Seguro, em São Paulo, a percepção sobre o uso de aparelhos e plataformas tecnológicas é outra. Alunos e professores têm acesso a um espaço virtual de estudos, que traz exercícios de fixação que dão apoio ao conteúdo aprendido na sala de aula para cada turma de séries diferentes. Renata Pastore, diretora-geral de tecnologia educacional da instituição, explica a iniciativa.

— Pensamos em montar uma sala de aula online no Moodle [plataforma de compartilhamento de conteúdos online] da escola. A ideia era fazer uma ponte entre a escola e o aluno.

Já Juliana Ortiz, professora do ensino fundamental I do colégio, explica que a experiência transforma a forma de estudar e de ensinar.

— No momento que eu pego o planejamento da sala e penso o que ensinei naquela semana dentro da minha sala de aula, tenho que pensar depois em como transpor isso para o Moodle. Então partilho essas ideias com a equipe de tecnologia da escola.

A professora contou que propôs a realização de um livro que também teve uma versão digital.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

— Já chegamos a fazer aulas com vídeo conferências para possibilitar a interação e troca de conteúdo com alunos que não podiam assistir a aulas por motivos de saúde. A turma se modificou muito ao longo desse período, foi um movimento muito cativante, avalia a professora.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> R7	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 07/10/2014
<b>Assunto:</b> Encontro Nacional do Programa das Escolas Associadas à Unesco		<b>Página:</b> Online



### **Encontro nacional das escolas associadas à Unesco é realizado nesta semana**

*Iniciativa tem intenção de criar uma rede de colégios comprometido com a paz e a diversidade*

O 20º Encontro Nacional do Programa das Escolas Associadas à Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) será realizado entre 8 e 10 de outubro em João Pessoa (PB). O evento contará com a participação de mais de 300 educadores brasileiros e estrangeiros.

Entre os destaques, estão: Brian Perkins, diretor da Escola de Formação de Professores da Columbia University, de Nova York. Ele estuda os efeitos do ambiente escolar no aprendizado do aluno.

O principal objetivo da iniciativa é criar uma rede internacional de instituições de educação que se associem ao selo da Unesco em prol de um ensino comprometido com a paz, a diversidade e a sustentabilidade.





## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> ADJORI	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 07/10/2014
<b>Assunto:</b> Feira de Ciências e Tecnologia		<b>Página:</b> Online



### Jovens inventores expõem na Feira de Ciências e Tecnologia em Florianópolis

A Feira de Ciências e Tecnologia está se consolidando como um dos mais importantes eventos educacionais do Estado. Em sua 9ª edição, levará estudantes da rede pública estadual a exporem 83 projetos científicos selecionados nas etapas regionais realizadas durante o ano.

A etapa estadual da Feira será realizada nesta quinta e sexta-feira (8 e 9), no Ginásio Esportivo Rosendo Lima, do Instituto Estadual de Educação (IEE), em Florianópolis. É uma promoção da Secretaria de Estado da Educação, em parceria com as Secretarias de Desenvolvimento Regionais (SDRs) e Gerências Regionais de Educação.

Ao todo, 30 Regionais estão envolvidas no programa, com a apresentação de 83 trabalhos sobre temas como sustentabilidade, meio ambiente, tecnologia, saúde e educação especial, com abordagens pedagógicas inovadoras e criativas, sob a coordenação dos professores.

Participam da etapa estadual no IEE dois alunos de cada Gerência Regional de Educação, selecionados como autores dos melhores trabalhos. A cerimônia que marca o encontro dos melhores projetos do Estado vai contar com apresentações artísticas e culturais feitas por alunos de escolas da capital.

A coordenadora estadual da Feira, Sirley Damian de Medeiros, destaca os efeitos positivos que as atividades causam nos estudantes. “A Feira vem para estimular a pesquisa e o conhecimento científico nos alunos e está se firmando como um dos maiores eventos educacionais do Estado”, disse.

#### Categorias

O público poderá visitar os estandes nos períodos matutino e vespertino. A Feira é dividida em três categorias: ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante. Os projetos são avaliados por uma comissão formada por professores, técnicos pedagógicos e gestores.

As escolas estaduais, municipais e particulares estão se mobilizando para levar as turmas ao evento. O diretor do IEE, Vendelin Borgueson, acredita no sucesso da Feira. “As expectativas são as melhores possíveis, porque os alunos estão muito motivados para mostrar seus trabalhos”, afirma.

Neste ano, quatro projetos que se destacaram na etapa estadual da Feira de Ciências e Tecnologia de Santa Catarina em 2013 representarão SC nas feiras Mostratec 2014, em Novo Hamburgo (RS), no dia 27 de outubro, e Feira Ciência Jovem, em Olinda (PE), no dia 29 de outubro.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Folha de São Paulo	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 07/10/2014
<b>Assunto:</b> Incentivo		<b>Página:</b> Online

EM JORNAL CARIÓTIPO DO BRASIL - 4 - 1 - 1 - WWW.FOLHA.COM.BR

# FOLHA DE S.PAULO

### **Cartão dará 20% de desconto em livros para professores de São Paulo**

A Prefeitura de São Paulo lançou nesta segunda-feira (6) o Cartão do Educador, que dará desconto de 20% na compra de livros aos servidores municipais da educação.

O programa beneficiará cerca de 78 mil profissionais da rede municipal, segundo a Secretaria Municipal da Educação. Os docentes poderão comprar livros não didáticos em 95 pontos credenciados.

Os servidores receberão os cartões, nominais e intransferíveis, pelo correio. O programa é feito em parceria com a Câmara Brasileira do Livro e a Associação Nacional de Livrarias.

Segundo o secretário da Educação, Cesar Callegari, o objetivo para a próxima etapa do programa é credenciar cerca de 30 mil professores que atuam nas unidades conveniadas.

"A presença do professor em livrarias permite que ele entre em contato não só com a produção literária mais atualizada, mas também aproveite os vários eventos culturais, palestras com autores, encontros e discussões", afirmou Callegari.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Folha de São Paulo	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 07/10/2014
<b>Assunto:</b> Nossa Língua		<b>Página:</b> Online

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL - F. N. 8 - WWW.FOLHA.COM.BR

# FOLHA DE S. PAULO

### **“Língua é patrimônio do povo brasileiro”; leia entrevista com o filólogo Deonísio da Silva**

Ultimamente, a ortografia tem ocupado na mídia espaço maior que o esperado, o que talvez se explique não por ser um tema apaixonante, mas pelo fato de, no Brasil, ser objeto de lei. A perspectiva de haver novas mudanças na grafia das palavras cria certo alvoroço tanto no meio editorial como na imprensa e nas escolas, enfim, entre aqueles que mais diretamente estão comprometidos com o tema, seja porque publicam obras, seja porque ensinam a escrever.

O fato de existir no Senado um grupo técnico de trabalho encarregado de rever o último Acordo, que, embora date de 1990, entrou em vigor em 2009, cria alguma apreensão e, de certa forma, desestimula os esforços que têm sido feitos em direção à adaptação às novas regras.

De início, muitas foram as vozes que o criticaram, afinal, a necessidade de unificação da grafia do português nos países lusófonos não parecia ser algo tão urgente. Além disso, antes da publicação do Volp (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), havia muita dúvida sobre as novas regras e, conseqüentemente, proliferaram não só as críticas como também os equívocos.

Depois da publicação do Vocabulário (e de uma errata com substituições, correções e aditamentos) e, sobretudo, depois de ser o corpus posto gratuitamente à disposição para consulta no site da ABL ([www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)), os ânimos se acalmaram e o processo de adaptação parecia seguir seu rumo.

Eis que a divulgação de uma proposta de ortografia fonética, que imporia grandes mudanças à ortografia vigente (em nada comparáveis à supressão de alguns acentos e à alteração nas regras do hífen), vem novamente trazer à tona o tema da ortografia.

Hoje quem conversa com o blog a respeito do assunto é o professor Deonísio da Silva, que é membro da Academia Brasileira de Filologia, professor universitário, escritor e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Respeitado nos círculos acadêmicos, Deonísio é também muito conhecido fora deles – e não é à toa, pois sua página de etimologia na revista “Caras” é sucesso há 20 anos. Além desse trabalho, Deonísio tem uma coluna na Rádio Bandnews Fluminense e vem publicando, ao longo de sua vida, títulos de grande interesse, entre os quais está o best-seller “De Onde Vêm as Palavras”, já na 17ª edição. É autor de 34 livros, em meio aos quais se destacam outras obras voltadas à etimologia (“A Vida Íntima das Frases” e “Palavras de Direito”) e os romances “Lotte & Zweig” (2012), baseado na vida do escritor, poeta e dramaturgo austríaco Stefan Zweig, “Teresa d’Avila” (1997) e “Avante, Soldados: para trás” (2005), romance que recebeu o Prêmio Internacional Casa de las Américas, em júri presidido por nada menos que José Saramago – e o Nobel de Literatura não lhe poupou elogios.

Leia, a seguir, a entrevista com o professor Deonísio da Silva:

Thaís Nicoleti – O senhor esteve no Simpósio Internacional Linguístico-Ortográfico da Língua Portuguesa, realizado recentemente em Brasília (nos dias 10, 11 e 12 de setembro)? O senhor apresentou uma proposta de revisão do Acordo Ortográfico de 1990? Em que ela consiste?

Deonísio da Silva – Sim, estive no simpósio, que teve seu herói, o escritor José Carlos Gentili, que do nada tirou aquele evento. Para fazer jus ao convite, preparei um “paper”. O título foi “A Extinção do Hífen”, mas não o apresentei porque notei certo enfado dos presentes com a repetição de questões de complexas sutilezas, cuja explicação é inútil, apesar da alta qualificação dos conferencistas. Fiz, então, da etimologia a referência solar de minha intervenção, ilustrando com exemplos concretos o quanto perderíamos se adotássemos uma escrita fonética, de resto impossível de ser sequer formulada, quanto mais aplicada. Copo é copo, e leite é leite, mas “copo de leite” designa um copo com leite, porém “copo-de-leite” [com hífen] designa a açucena, uma planta ornamental. “Copo” e “leite” vieram ambos do latim, respectivamente de “cuppa” e de “lacte”; açucena veio do árabe “as-susana”, designando o que o grego conhecia por “leírion”, que deu “lilium” em latim e “lírio” em português. Essas questões etimológicas tornam-se ainda mais esclarecedoras no caso dos fármacos, em que a mudança de uma letra, não apenas da dosagem, pode designar remédio ou veneno. Além do mais, sou de Santa Catarina e lá se pronuncia “leite” de um modo diferente do que ouvi por longos anos no Rio Grande do Sul, no Paraná e em São Paulo, estados onde morei por vários anos. E no Rio, onde vivo há 11 anos, a pronúncia tem outras variações. Minha crítica foi esta: o Acordo ouviu muito pouca gente! Não me refiro a plebiscitos, mas acredito que profissionais da língua, como aqueles que, como eu, a estudam e a explicam a alunos ou a leitores, devam ser ouvidos. Essa foi a minha proposta. Como é que pode o nosso amigo Evanildo Bechara ser o executor das medidas de emergência do Acordo? Ele é altamente qualificado, é uma honra ser colega dele na Academia Brasileira de Filologia, mas ele precisa consultar, por exemplo, os colegas das duas Academias: da ABL e da ABRAFIL! Pelo menos esses!

TN – Há alguma proposta de revisão do Acordo formalizada, além da sua, em condições de ser discutida no âmbito do Senado?



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

DS – Creio que ainda não, mas achei bom o Senado estar envolvido nisso.

TN – A quem caberá liderar essa discussão no Senado e como exatamente se definirão as novas regras, na hipótese de isso vir a acontecer? Há um conselho de pessoas especializadas?

DS – Se houver uma proposta, ela deverá ser formulada por quem entende do riscado. O brasileiro tem uma habilidade verbal impressionante, mas estuda pouco a sua língua. É bom que seus representantes no Senado examinem esta questão. Alguns dos que têm determinado como devemos escrever deveriam usar tornozeleiras eletrônicas para sabermos por onde andam e por que formulam tantas impropriedades. Não é o caso de Ernani Pimentel. Ele detectou certa hostilidade em minhas críticas, mas eu não critico pessoas. Critico instituições. E elas, apesar de conduzidas por pessoas, também moldam aqueles que as conduzem.

TN – A quem exatamente o senhor se refere?

DS – Por exemplo: recentemente, o dinheiro público financiou uma edição de 600 mil exemplares de "O Alienista", de Machado de Assis, em que, em vez de serem explicadas as palavras que ampliavam e melhoravam o vocabulário dos leitores, principalmente alunos, elas eram substituídas por outras, tidas por mais fáceis, resultando em edição falsificada de nosso maior escritor, paga com dinheiro público! Ora, todos sabemos que o autor é modelo de escrever bem.

TN – Novamente a ideia de que é preciso "simplificar" as coisas. Penso que seria mais produtivo ensinar mais e melhor, fomentar a leitura e despertar o interesse pela nossa literatura. Mas, ainda sobre as possíveis mudanças ortográficas, o senhor acredita que um GTT [grupo de trabalho técnico, criado pela Comissão de Educação do Senado] coordenado por alguém que está fora do meio acadêmico vai conseguir congregar professores e estudiosos das universidades para debater o tema?

DS – Não vai. O meio acadêmico trabalha sobre credenciais, vitae, competência, desempenho, aferidos trienalmente por suas publicações, palestras, conferências etc., de acordo com a Plataforma Lattes, do CNPQ.

TN – O senhor percebeu alguma intenção desse GTT de levar o debate aos especialistas que estão nas universidades? O Senado, ao criar o GTT, não deveria ter buscado a universidade?

DS - "Pau que nasce torto, nunca se endireita", como diz o Melô do Tchan, e "menina que requebra... mãe, pega na cabeça". O GTT – ele existe? – começou mal e pode terminar pior. "Depois de nove meses você vê o resultado". Vai nascer um monstrinho.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

TN – O senhor acha que o GTT vai realmente propor alguma mudança ou o papel desse grupo é apenas levantar a questão?

DS – Soube que o Senado vai fazer uma audiência pública sobre o tema. Parece uma boa coisa, mas eu tenho minhas dúvidas sobre se vale a pena e se este é o melhor caminho. Temo que entre os interessados haja gente interessada em outra coisa. Por exemplo: ganhar dinheiro com publicações apressadas, incluindo fazer dicionários com verbetes errados, como fizeram quando da “decretação” do Acordo.

TN – O senhor acredita que haja intenção por parte da própria ABL de propor algum tipo de alteração no Acordo ou no Volp [Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa]?

DS – Eu me esforço para acreditar que haja, mas estou muito desconfiado de que não seja assim! Ademais, a ABL não é sequer a instituição mais indicada para fazer isso. Examinemos os “vitae” de cada um dos acadêmicos. Quem ali pode fazer isso? Poucos. Acho que há excluídos até mesmo no interior da ABL, quanto mais fora! Os responsáveis pelo Acordo não podem desprezar os centros universitários de excelência onde a língua portuguesa é pesquisada e ensinada.

TN – Que críticas o senhor faz ao texto do Acordo Ortográfico e/ou à interpretação que a ABL fez dele?

DS – A principal é não terem consultado mais gente. “In medio virtus”, como ensinaram os sábios romanos. Não era necessário fazer plebiscito sobre os temas, mas tampouco era necessário tratar o Acordo como obra de “illuminati”. Ainda mais que pesam tantas controvérsias sobre se são tão “illuminati” assim.

TN – O senhor acredita que qualquer pessoa, independentemente da formação acadêmica, possa propor um novo sistema ortográfico?

DS – Não! Se eu não acreditasse na relação bunda-cadeira-hora, não teria estudado tanto! Quando um técnico de informática vem resolver um problema em meu computador, não lhe pergunto se ele sabe quais as mais de 21 mil palavras com hífen que sofreram alterações no português com o Acordo. E espero que ele não me pergunte se eu sei as sutis diferenças entre um “software” e um “hardware”. Dele espero que entenda de computador. Se as pessoas que inventaram computadores, celulares e “smartphones” escrevessem como seus usuários escrevem nesses utensílios, estaríamos na idade do “chip” lascado...

TN – Na sua avaliação, o Acordo Ortográfico de 1990 era necessário? Fazer a reforma desse Acordo vale a pena?

DS – Se você está passando mal e não sabe o que tem, é melhor procurar um médico no qual confie. O português estava passando bem e, ainda assim, resolveram medicá-lo e, mais do que isso, submetê-lo a intervenções cirúrgicas dispensáveis. A verdade é que não



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

precisávamos deste Acordo. Unificar modos de escrever, como fez o árabe, que tinha 14 grafias e agora tem uma apenas, para efeito internacional, respeitando a variação de cada país, tudo bem. Mas impor, não! Fala-se em Acordo com as outras nações lusófonas. Certo! Mas antes é preciso fazer o Acordo com os brasileiros. Esta proposta de refazê-lo é pior ainda. Este coelho não saiu do mato. Saiu de alguma cartola.

TN – O professor Ernani Pimentel, coordenador do GTT, apresenta em seu site uma proposta de ortografia fonética que chegou a ser divulgada por vários veículos de comunicação. Após a divulgação, as reportagens foram desmentidas pela Agência Senado, mas o desmentido foi baseado apenas no fato de que tal proposta não estaria “formalizada”. O senhor acha que os senadores que criaram o GTT conhecem, de fato, essa proposta? Cristóvão Buarque aparece no site do prof. Ernani Pimentel ao lado de declaração favorável a ela.

DS – Tenho grande apreço pelo senador Cristóvão Buarque, aliás, um bom romancista, mas esta parte de sua biografia é sempre esquecida. E sempre tenho sido um defensor intransigente de parlamentos, por piores que sejam, pois nos representam. Se o jabuti está no galho da árvore, alguém o pôs lá. Então, se são aqueles os nossos representantes, foi o povo quem os pôs lá. E livremente. Mas senadores podem ser enganados por espertos, por desavisados, por quem não tem maldade, mas prejudica mais do que se tivesse... Sem contar que os senadores não são santos. Enfim, todo cuidado é pouco quando se mexe no patrimônio público. E a língua é isso: um patrimônio do povo brasileiro.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Notícias do Dia	<b>Editoria:</b> Estado	<b>Data:</b> 07/10/2014
<b>Assunto:</b> Educação		<b>Página:</b> 21

# Notícias do Dia

## Vagas para pré-vestibular

O curso Pró-Universidade, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação, por meio do projeto Pró-Aluno/Universidade, lançou o edital do processo seletivo para o preenchimento de vagas do curso preparatório para os vestibulares e Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), na modalidade de aulas on-line, no ano letivo de 2014.

O curso é destinado exclusivamente a estudantes da rede pública estadual de ensino de Santa Catarina. Para participar, o aluno deve estar regularmente matricu-

lado no 3º ano do ensino médio.

As inscrições estarão disponíveis até o dia 12, exclusivamente no site [www.prouniversidade.com.br/aulaonline](http://www.prouniversidade.com.br/aulaonline). O interessado deve ler o edital, preencher o requerimento de inscrição, enviá-lo pela internet e anexar a documentação solicitada (declaração oficial do estabelecimento de ensino, CPF e RG) digitalizada.

O resultado será divulgado no dia 13 no site [www.prouniversidade.com.br](http://www.prouniversidade.com.br) e a validade do ingresso é apenas para o curso oferecido neste ano.